

# Festa Religiosa em Dois Contextos – Brasil e Portugal

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.14>

**Benalva Vitorio**

Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania, Universidade Católica de Santos, Santos, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-8509-694X>  
[benalva@unisantos.br](mailto:benalva@unisantos.br)

**José Gabriel Andrade**

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,  
Universidade do Minho, Braga, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-9778-5865>  
[jgandrade@ics.uminho.pt](mailto:jgandrade@ics.uminho.pt)

## Resumo

Apresentamos os resultados do trabalho teórico e empírico que resulta de um estudo comparativo entre dois santuários marianos – Monte Serrat e Monte Sameiro. Procura-se compreender convergências e divergências socioculturais entre dois países católicos de língua oficial comum, por meio da observação participante e da entrevista. O objetivo desta investigação é contextualizar o ambiente de duas festas da religião católica em dois países lusófonos: Nossa Senhora do Monte Serrat, na cidade de Santos, estado de São Paulo, Brasil; e Nossa Senhora do Sameiro, na cidade de Braga, Portugal. Especificamente, pretendemos perceber quais os pontos de aproximação e de distanciamento entre as festas religiosas no Brasil e em Portugal e analisar em que medida se observa uma inter-relação entre cultura, turismo e religião.

## Palavras-chave

santuários marianos, Portugal, Brasil, Santos, Braga, cultura, turismo, paz

## Introdução

O objetivo desta investigação é contextualizar o ambiente de duas festas da religião católica em dois países lusófonos: Nossa Senhora do Monte Serrat, na cidade de Santos, estado de São Paulo, Brasil; e Nossa Senhora do Sameiro, na cidade de Braga, Portugal. É nossa intenção perceber quais os pontos de ligação e de discordância entre as festas religiosas no Brasil e em Portugal e ainda entender de que forma as festas religiosas podem ser uma inter-relação entre cultura, turismo e religião. Esta investigação poderá contribuir para a extinção de estereótipos que ainda podem marcar a identidade, tanto de brasileiros em Portugal, quanto de portugueses no Brasil, o que será possível por meio de estudo comparado, demonstrando o que aproxima e distancia as festas marianas nos dois países. E também servir de guia para a atração turística de festas religiosas nos estudos de caso apresentados. A justificativa para a escolha da festa religiosa em homenagem a Nossa Senhora do Monte Serrat deve-se ao fato de ela ser a padroeira da cidade de Santos, onde está localizada a instituição de ensino superior Universidade Católica de Santos. Quanto à escolha da festa religiosa em Portugal deve-se ao local onde está localizada a instituição de ensino superior, Universidade Católica Portuguesa, onde se realiza a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Sameiro. Das duas instituições de ensino e investigação surgiu a proposta de estudo. A metodologia de trabalho compreendeu duas etapas. Na primeira, o levantamento bibliográfico sobre assuntos relacionados à festa religiosa, património e turismo. Na segunda, a contextualização de cada uma das festas em análise; pesquisa de campo nos dois santuários marianos, por meio de observação participante e entrevista estruturada com sujeitos relacionados com a festa nos dois países; análise dos dados e produção do relatório de pesquisa, integrando a recolha de dados realizada nos dois contextos.

## Estado da Arte

As festas no Brasil, segundo Perez (2011, p. 100), são heranças coloniais, regulam as nossas vidas e expressam sentimentos e emoções. Com as festas barrocas, públicas, coloridas, luxuosas, espetáculos e pompas, a ordem colonial promovia o encontro entre a cidade e a religião. As festas religiosas, portanto, representam as manifestações mais antigas do Brasil e as comemorações marcantes nas cidades, como os festejos dedicados aos santos populares, organizados por irmandades religiosas. Nesse sentido, Perez (2011) considera que as festas religiosas são momentos privilegiados do imaginário, com a presença das tradições, descortinando “uma estrutura carnalizadora” (p. 100). Assim, Reis (1991, pp. 62–64) definiu as combinações culturais afro-católicas no Brasil, especialmente em relação às músicas nos enterros, como “carnavalização” da religião. A festa, na visão de Priore (1994, p. 15), marca o espaço e o tempo próprios em que papéis sociais tomam outra dimensão. Neste sentido, são entendidos como tempo de utopias, de diminuição de tensões inerentes à diversidade étnica e às distinções sociais, promovendo diferentes vivências e emoções para uma sociedade que vive do espetáculo, das mudanças, dos contrastes, das misturas.

No campo da religiosidade, o vínculo entre o indivíduo e o sagrado remete-nos à concepção de arquétipos. Segundo Jung (1976/1991), arquétipos são imagens primordiais que se formam gradativamente no inconsciente coletivo da humanidade, ao longo de milhares de anos. Podendo ser sintetizados por imagens e mitos, são formas sem um conteúdo específico, mas portadoras de grande energia e mistério. Um dos mais importantes arquétipos é o da Grande Mãe, com seus vários aspetos e mitos, ela sempre nutre, protege e cuida, conferindo dinâmica intensa de vida, autoestima, relacionamento, autorrecuperação e confiança. Sendo considerada a matriz de todos os vínculos futuros, o materno filial sempre foi o primeiro e o mais significativo na existência de uma criança. Portanto, para a psicologia analítica de Jung (1976/1991), religiosidade é uma função espontânea da psique e tem importância fundamental para a saúde mental e para a busca de significados na existência e em seus desafios. O sagrado é imanente e transcendente ao mesmo tempo. Na revisão literária sobre as festas populares no Brasil, Cavalcanti (2013) ressaltou que nelas confraternizam pessoas de diferentes classes sociais e raças/etnias, que constituem a realidade nacional, mesclando elementos do sagrado e do profano, envolvendo elementos religiosos de diversas matrizes. Nesse sentido, a antropóloga considera que a festa é um ritual por excelência.

Um outro aspeto importante a se considerar no estudo das festas religiosas é o reconhecimento dessas celebrações como património cultural. Segundo Márcia Sant'Anna, diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em entrevista realizada por Suelen Menezes (2009) para a *Revista Desafios do Desenvolvimento*,

pode-se afirmar, sem medo de errar, que toda cidade no Brasil celebra, pelo menos, seu santo padroeiro. Misturando as crenças, devoções e formas religiosas trazidas pelos portugueses e pelos escravos africanos com as dos indígenas nativos, as celebrações religiosas fazem parte do processo histórico de formação do Brasil. (p. 78)

Esses elementos fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial, definido pela Unesco, na sua convenção de 2003.

Nas festas organizadas pelas comunidades religiosas apontamos o dever de aproximar os eventos ao turismo comunitário. Sobre isso, entende-se toda a forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distintiva do turismo comunitário é a sua dimensão humana e cultural, ou seja, antropológica, com o objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com os visitantes (fiéis), na perspectiva de conhecer e aprender com os seus respectivos modos de vida.

Essa modalidade de turismo possui particularidades e princípios que se aproximam dos apresentados por Coutinho et al. (2015):

- o turismo é um instrumento para o fortalecimento comunitário e associativo;
- a participação: a comunidade é a proprietária, gestora, empreendedora dos empreendimentos turísticos;
- o turismo é uma atividade complementar a outras atividades económicas;
- a distribuição justa do lucro e transparência no uso dos recursos;
- a valorização cultural e a armação da identidade;
- a relação de parceria e troca entre turista e comunidade;
- a conservação e sustentabilidade ambiental.

## Festa Religiosa Como Turismo Para o Brasil e Para Portugal

As festas religiosas movimentam milhares de turistas provocando o desenvolvimento de pequenos negócios e investimentos. Assim, o turismo religioso é entendido como um incentivo às economias locais gerando emprego e lucro nos lugares onde se localizam as manifestações de culto e celebração. Em Portugal e no Brasil são vários os santuários que recebem celebrações religiosas. Assim, importa perceber o que aproxima ou separa as festas religiosas de Portugal e do Brasil.

Tendo em linha de conta que o presente trabalho compreende uma abordagem às manifestações de homenagem à Grande Mãe, passamos a explicitar o que caracteriza uma festa religiosa. Na análise das festas da Idade Média e do Renascimento, Bakhtin (1965/2010) explica que essas eram expressões de uma carnavalização, na medida em que se opunham à religião, à cultura oficial, à seriedade e ao modo de vida feudal, embora esses elementos estivessem presentes nas festas, ainda que de uma maneira crítica. Nestes rituais religiosos, entendidos como festas, são louvados/as um/a ou mais deuses/as e manifesta-se gratidão a eles/as (Gaarder et al., 1999/2005). Desse modo, podemos entender a festa religiosa como um ritual, no qual religiosos/as, bem como a comunidade em geral, confraternizam entre si e com o sagrado, adorando-o e agradecendo as suas bênçãos. Assim, a devoção tem centralidade, porque os/as religiosos/as congregam-se, tendo em comum a sua devoção, embora possam ser de diversas origens geográficas, géneros, classes sociais e económicas, raças/etnias, entre outros marcadores sociais de diferença. Numa festa religiosa, vamos considerar como elementos de observação, que podem ser nomeados ou discriminados como marcadores religiosos:

altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros ( ... ) e também gestos, como os silêncios, os olhares, as rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. (Alves, 1984, pp. 22–23)

Os fiéis reúnem-se com a finalidade comum de confraternizar, sendo as motivações que levam as pessoas a uma festa religiosa de índole variável. Por um lado, as trocas não comerciais, que podemos nomear de dádiva, observada entre povos indígenas e aborígenes, desde a antiguidade ocidental e entre os ocidentais da atualidade. Para compreender como são feitas essas trocas em uma festa religiosa, lembramos a explicação de Mauss (1925/2003), de que a dádiva tem como objetivo manter e reforçar vínculos com o sagrado, que pode se manifestar em forma de um/a deus/a, das almas dos/as ancestrais mortos/as e da natureza dos/as que assistem e participam do ritual. Essas trocas incitam o sagrado, entendido como o verdadeiro proprietário das coisas e dos bens do mundo. Assim, o sagrado pode ter sido o primeiro com o qual buscamos fazer trocas. Nas sociedades indígenas e aborígenes, clãs, tribos e famílias trocavam bens e riquezas úteis economicamente, mas, “antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras”, o que Mauss (1925/2003, pp. 13–14) chama de “sistema das prestações totais”, porque envolvia aspectos sociais, culturais, económicos, políticos, jurídicos, mágicos, espirituais e estéticos dessas coletividades. Por outro lado, como elementos no contexto da festa religiosa também identificamos a comercialização, as atividades políticas e o turismo não religioso, a esse respeito, lembramos as palavras de Durkheim (1912/1989): “o sagrado e o profano foram sempre e por toda parte concebidos pelo espírito humano como géneros separados, como dois mundos entre os quais não há nada em comum” (p. 70).

Assim, neste trabalho, pretendemos compreender em que medida as festas religiosas podem ser uma inter-relação entre cultura, turismo e religião. Trabalhamos com o pressuposto de que entre os elementos convergentes estão os valores culturais representados pelo Catolicismo; já os divergentes contemplam as características socioeconómicas e geográficas do contexto de cada um dos países em análise, sendo as festas religiosas objeto de turismo para a vida social.

## Investigação Interpretativista

Neste estudo, adotaremos o modelo interpretativista (Andrade, 2017) qualitativo recomendando a análise de discurso (Orlandi, 1999; Vitorio, 2007) para o planejamento da investigação que sugere a formulação de hipóteses a partir de uma pergunta inicial. Utilizaremos uma metodologia de trabalho mista com levantamento do estado da arte e pesquisa de campo nos dois santuários marianos, por meio de observação participante e entrevistas estruturadas; análise dos dados e produção do relatório de pesquisa.

As investigações interpretativas atentam na grande multiplicidade de perspectivas que informam sobre o significado e, portanto, rejeitam a possibilidade de o conhecimento ser construído pela desapropriação de valores, relegando a possibilidade de interpretações alternativas a um acidente improvável. Os investigadores interpretativistas abraçam uma multiplicidade de perspectivas e interpretações possíveis, sujeitas a grande subjetivismo (Andrade, 2017, pp. 75–76). Assim, o objetivo geral que regeu a recolha dos dados para a realização do nosso trabalho foi a compreensão dos discursos dos fiéis nos santuários marianos e dos gestores desses espaços. Nesse

sentido, apoiamos a nossa investigação na análise de discurso, da escola francesa (Vitorio, 2007), uma vez que esta, trabalha na confluência de campos do conhecimento, a análise de discurso rompe fronteiras e produz novos recortes de disciplinas, constituindo um novo objeto, o discurso, que vai afetar formas de conhecimento no seu conjunto (Orlandi, 1999, p. 20). O dispositivo de análise contempla as condições de produção, compreendendo o sujeito, a situação e a memória que fazem parte da produção do discurso.

## No Brasil

O contexto da festa religiosa analisada no Brasil compreende a cidade de Santos, situada no litoral do estado de São Paulo, que abriga o maior porto da América Latina, ocupa a quinta colocação na economia nacional, sendo a 10.<sup>a</sup> colocada em qualidade de vida no país. Os 7 km de praia da cidade de Santos ficaram conhecidos com a inserção no *Guinness Book*, em 2000, como o maior jardim frontal de praia em extensão do mundo. Além disso, em Santos está localizado o clube de futebol que revelou atletas de destaque mundial, como Pelé e Neymar.

A relação da cidade de Santos com o culto da Virgem Maria começou com a colonização do Brasil. Tendo o culto da Virgem de Monte Serrat origem em Espanha, região da Catalunha, onde um pastor encontrou a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus, numa caverna no Monte Serrat. A Nossa Senhora do Monte Serrat chegou à vila de Santos, trazida por D. Francisco de Sousa, sétimo governador geral do Brasil colônia, no período de 1592 a 1605. Este mandou construir uma capela em um dos montes da vila, onde colocou a imagem de Nossa Senhora e o lugar passou a chamar-se Monte Serrat (“Conheça o Seu Bairro – Monte Serrat. Os Milagres no Monte Serrat”, 1982).

A devoção à Nossa Senhora do Monte Serrat no Brasil foi reforçada com o episódio de 1614, quando os holandeses invadiram a Vila de Santos e a população local se refugiou no monte, pedindo proteção à Virgem Maria. Os invasores foram surpreendidos por uma avalanche de pedras, que matou muitos holandeses e colocou em fuga os sobreviventes (“Conheça o Seu Bairro – Monte Serrat. Os Milagres no Monte Serrat”, 1982).

Em 1954, no centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição, o Papa Pio XII decretou o Ano Santo Mariano. Durante os festejos realizados por todo o mundo, a câmara municipal de Santos oficializou o título de “padroeira” a Nossa Senhora do Monte Serrat. No mesmo ano, o então prefeito da cidade Antônio Feliciano sancionou a lei que determina Nossa Senhora do Monte Serrat como padroeira de Santos. No dia 8 de setembro de 1955, a Nossa Senhora do Monte Serrat foi coroada oficialmente e esse dia passou a fazer parte do calendário oficial como feriado no município em homenagem à padroeira.

A capela do Monte Serrat está localizada a 175 m do nível do mar, com vista panorâmica de 360 graus de toda a cidade de Santos. Para chegar ao topo há dois caminhos: por bondinho ou a escadaria com 415 degraus, ladeada por 14 nichos em bronze da

Via Sacra. Ao lado da escadaria há uma rampa que vai do sopé do monte até metade do caminho, dificultando o acesso de quem não tem condições de pagar o bondinho ou enfrentar os degraus restantes da escadaria até ao Santuário.

Em 2016, na véspera da festa, quando realizávamos a nossa investigação de campo, foi possível observar os diversos constrangimentos que existem no local para aceder à capela. Por exemplo, encontramos a bebé Amália, chorando nos braços da mãe, uma jovem senhora que tentava acalmar a filha, mas não escondia o desencanto por ter chegado ao fim da rampa, sem conseguir chegar à igreja. Do local onde as duas se encontravam até ao cimo do monte não havia mais rampa e a mãe não tinha forças para levar a criança no carrinho pelas escadas acima. O que nos leva a questionar o desenho do acesso a estes locais de culto. Sendo este conjunto religioso um componente do turismo da cidade, devem ser criadas as condições para que todos, turistas e fiéis, possam usufruir do espaço. Tendo em conta que a festa em homenagem à padroeira de Santos é comemorada no dia 8 de setembro, depois de feriado nacional da comemoração da independência do Brasil, o Monte Serrat recebe muitos turistas nesse período sendo imperativo pensar nos acessos à capela.

Os entrevistados que participaram na festa de homenagem a Nossa Senhora do Monte Serrat, no ano de 2016, consideraram “a festa mais vazia”, em relação aos anos anteriores, atribuindo como causas o alto preço do bondinho e o calor. Nesse ano, quando realizámos a investigação de campo, nos 2 dias da festa, observámos alguns elementos caracterizadores nessa manifestação religiosa: participantes que se portavam como se estivessem em evento de lazer; falta de treinamento dos funcionários no local para receber o grande público; venda de produtos desvinculados à religiosidade; campanha de candidatos políticos para o cargo de prefeito e de vereadores da cidade. Neste espaço sagrado da festa havia um interesse comercial e político, realizado fora da sacralidade da festa, da sua simbologia cultural e da imagem da igreja católica.

## Em Portugal

Ao contrário de Santos, a cidade de Braga, em Portugal, tem uma forte relação com a fundação do país e com o seu património religioso que advém da antiguidade da urbe, sendo o monumento religioso cristão mais antigo datado do século VI. Por outro lado, o seu prelado tem o título de “Primaz das Espanhas” desde o século XII.

O objeto de estudo em Portugal foi o Santuário de Sameiro, que presta homenagem a Nossa Senhora da Conceição. A história desse santuário português começou em 1863, quando o Padre Antônio Pereira da Silva construiu um pedestal no alto do Monte Sameiro para colocar a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, por quem tinha grande devoção. Atualmente, o conjunto arquitetónico do Santuário do Sameiro é constituído pela basílica, a cripta, a escadaria com 265 degraus, praças e jardins. A festa em homenagem à Imaculada Conceição do Sameiro é realizada no dia 12 de junho.

Os relatórios referentes à pesquisa de campo no Monte Sameiro têm dados de observação que merecem destaque, como: bom estado de conservação e limpeza; o comércio distante do santuário, realizado em ambiente fechado, dedicado à venda de produtos religiosos e alimentação; rampas de acesso em todos os locais do santuário; o comportamento da maioria dos visitantes é de respeito e reverência ao sagrado; ausência de campanha política, embora fosse período eleitoral. Ao contrário de Santos, que recebe turistas de várias partes do Brasil e do exterior, o Santuário do Sameiro apresenta características de turismo local.

No alto do monte, destaque-se o imponente Santuário de Nossa Senhora da Conceição, com cinco portas, boa acústica e conservação, ao lado de prédios destinados às atividades da igreja católica, como residências para freiras e padres, capelas e museus, além de uma extensa área verde.

No decorrer da nossa análise foi constatado em relatório que a prática religiosa no monte, em especial durante o mês de junho, altura da Festa da Nossa Senhora do Sameiro, visa estimular o ritual religioso e o turismo local. A prática religiosa nesse contexto visa a coesão social do local, estabelecendo um espaço de convivência e de encontro de fiéis em torno da imagem de culto mariano.

Os fiéis entrevistados reconheceram que o Sameiro também é um local turístico, mas consideraram que o turismo ali praticado é diferente do das grandes cidades, como, por exemplo, Lisboa. Portanto, devido aos santuários, tanto da Imaculada Conceição quanto do Bom Jesus, para onde as pessoas se deslocam por pouco tempo com intuito religioso, Braga e seus arredores apresentam características de turismo local. A esse respeito, um dos entrevistados, Varico Pereira, administrador dos Hotéis do Bom Jesus, considera que a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Sameiro representa uma taxa de turismo local, pois 98% dos peregrinos moram nos arredores e não se hospedam nos hotéis de Braga, o que difere de outros grandes santuários, como o da Aparecida, no Brasil, e o de Fátima, em Portugal. O mesmo não acontece com a rede de restaurantes da região minhota, que recebe grande número de comensais, após a visita ao santuário. Portanto, para o administrador, o impacto da peregrinação ao Santuário do Sameiro na rede hoteleira de Braga é muito baixo, ao contrário de outros eventos religiosos, que movimentam a economia local, como as procissões da Semana Santa e os festejos do São João, quando há participação de muitos estrangeiros, lotando os hotéis.

Ao relacionar o ambiente nos dois santuários marianos, consideramos que, como pesquisadores, nós somos mediadores entre a manifestação religiosa nos dois países, com o intuito de produzir conhecimento por meio da comparação, visando o intercâmbio de saberes para o fortalecimento do trabalho acadêmico, conduzindo a produção de novo conhecimento que requer entendimento recíproco entre sujeitos, no contacto entre nós e os outros, despojando resquícios de estereótipos.

Os locais religiosos, onde perpassa a fé e se tornam pontos turísticos relevantes, seja no âmbito nacional como no internacional, criam realidade natural de patrimónios



culturais, sendo o desafio manter a sua originalidade, integridade e identidade, sem subverter os seus valores, como foi registrado num dos relatórios de trabalho de campo. Diante da simplicidade do Santuário do Monte Serrat e da imponência do Santuário do Sameiro foi possível compreender as identidades, que são “construídas dentro e não fora do discurso” e que devem ser compreendidas como produto “em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”, como preconiza Hall (2000, p. 109).

## Considerações Finais

Neste estudo comparativo, consideramos que há inter-relação entre cultura, turismo e religião, com enfoque sociocultural na sua essência, o que requer uma abordagem interdisciplinar, como construção simbólica de significados e necessidades. A religião fomenta o turismo, que se baseia no consumo e comercialização de cultura. Os turistas, nas suas viagens, buscam bens e imagens mensuráveis, palpáveis, que dão suporte ao olhar, vivendo o vício da imagem.

Nas festas religiosas, quando ideias e valores são cognitivamente apropriados pelos sujeitos, por meio de rituais, há condições de se produzirem sentidos. Assim, ao observar os dois santuários, em dois contextos diferentes, e ao entrevistar personagens ligadas aos dois eventos, construímos sentidos, estabelecemos comparações, representadas na tessitura discursiva, de acordo com nossas condições de produção, sem menosprezar a força que a imagem tem na constituição do dizer.

Embora sejam duas festas da igreja católica, ligadas ao culto mariano, observa-se diferenças significativas entre o evento brasileiro e o português. Se, por um lado, em Braga se respira espiritualidade, como se a cidade fosse um santuário católico; em Santos, observa-se descontração de viver e visitar a cidade que tem as praias e o jardim como atrações, sendo a Capela do Monte Serrat mais um ponto de interesse. Portanto, ao comparar as duas cidades confirma-se a concepção de Durkheim (1912/1989), que defende a tensão entre o sagrado e o profano na vida social.

Atualmente, apesar da instabilidade política e económica, sobretudo no Brasil, permanece a homenagem festiva à Grande Mãe nos dois países, na esperança que ela proteja os seus filhos de todas as adversidades, inclusive nos relacionamentos, desgastados na contemporaneidade. O avanço da tecnologia demonstra uma “fragilidade dos laços humanos, ( ... ) os riscos e ansiedade de se viver junto e separado, em nosso líquido mundo moderno”, lembrando Bauman (2003/2004, p. 13), que radiografou o amor, tanto nos relacionamentos pessoais quanto no convívio social. Esse amor, que representa o sustentáculo do sagrado, alimenta a cultura e o turismo contribuindo para o desenvolvimento nacional, a promoção da paz e a aproximação entre as nações.

## Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

## Referências

- Alves, A. (1984). *O que é religião*. Abril Cultural; Brasiliense.
- Andrade, J. (2017). O interpretativismo nas ciências da comunicação: Um modelo de pesquisa entre comunicação, sociedade e tecnologia. In C. Aguilar, É. Ricarte, & L. Silva (Eds.), *Cenários comunicacionais: Entre as sociedades industriais e as emergentes* (pp. 75–90). Media XXI.
- Bakhtin, M. (2010). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (Y. F. Vieira, Trad.). Hucitec. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2003)
- Cavalcanti, M. (2013). A festa em perspectiva antropológica: Carnaval e folgedos do boi. *Artelogie*, IV, 125–140.
- Conheça o seu bairro – Monte Serrat. Os milagres no Monte Serrat. (1982, 3 de junho). *A Tribuna*.
- Coutinho, G. C. T. P., Thomaz, G. M., & Sampaio, C. A.C. (2015). Turismo comunitário e internet: Análise dos sites das experiências no Brasil. *Caderno Virtual de Turismo*, 15(1), 35–51. <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/932>
- Durkheim, É. (1989). *As formas elementares da vida religiosa* (P. Neves, Trad.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1912)
- Garder, J., Heller, V., & Notaker, H. (2005). *O livro das religiões* (I. M. Lando, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1999)
- Hall, S. (2000) Quem precisa da identidade? In T. Silva (Ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103–133). Vozes.
- Jung, C. G. (1991). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (M. L. Appy & D. M. R. F. da Silva, Trad.). Routledge. (Trabalho original publicado em 1976)
- Mauss, M. (2003). *Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (P. Neves, Trad.). Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1925)
- Menezes, S. (2009). Festas religiosas, um bem a ser preservado. *Revista Desafios do Desenvolvimento – IPEA*, 7(56), 78–81.
- Orlandi, E. (1999). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Pontes.
- Perez, L. (2011). *Festa, religião e cidade: Corpo e alma do Brasil*. Medianiz.
- Priore, M. (1994). *Festa e utopia no Brasil colonial*. Brasiliense.
- Reis, J. (1991). *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras.
- Vitorio, B. (2007). *Imigração brasileira em Portugal – identidade e perspectiva*. Leopoldianum.